

JOEL PONTES

Folheto de Poesia

Edição de Estudos Universitários
Universidade Federal de Pernambuco
Recife — 1970

*O Folheto é
dedicado a
Leda*

Kentucky	9
O conto do cavalo ou Primeira Arqueologia	10
Infant	11
O homem do grau	12
O conto do Rei	13
Segunda Arqueologia	14
Cançoneta	15
Canção com variante lateral	16
Convite	17
A passagem	18
Brincadeira palaciana ao modo antigo	19
“Clair de lune”	20
Noturnos de Brooklyn Heights nº 1	21
nº 2	22
nº 3	23
nº 4	24
De Joe, o negro	25
Concêrto dialogal	26
Dois	32
À filha de um comandante de navios	33
O cimento da circunstância	34
De benditas e louvadas	35
Apêlo	37
Mátria	38
Eclipse	39
Rio Ipojuca	40

KENTUCKY

Cavalos britânicos em barris de bourbon
destilaram campinas
que navegas em doces manhãs.
Os celeiros te olham do negro
como portos de mar
e se ofertam com a dignidade de antigos sacrifícios.
Um cachimbo joga ondas
no teu ar absorvente
de madeira e grama
cavalgado por dois azuis.
De fato, uma limpeza (digo pobre?)
transluz das relações
sendo o teu decalque obra de cavalos e crianças
perfilados contra a nitidez do horizonte.

Lexington, abril, 69

O CONTO DO CAVALO
OU
PRIMEIRA ARQUEOLOGIA

Nesta caverna, cheia das crispações violentas do
cavalo doido
escoiceando as môscas, venho me assentar sem mais
presença,

quase môsca, sem sofrer golpes de casco,
diminuído e hipnotizado.

O mesmo ar se rompe em sons que seriam resfolêgo
cortados nos vibros de vinganças
contra chicotadas imemoriais que as môscas pagam.
Então, um já.

O ar agredido se incorpora
às pedras e tudo rui no sêgrêdo
inviolável da caverna,
agora tapume sôbre a doidice do cavalo,
a inocência das môscas e minha contemplação
intocada.

Como contar se me fossilizo duro
e mais que tudo se acabarão os olhos
do mudo horror de estar presente?
Cavalo e eu restaremos como o dançarino selvagem
e seu estático vidente
a serem decifrados.

A mistificação do homem parado: seu sangue não
deixou marca.

O bicho-engôdo: cavalo?
A pata levantada: nem guerra nem dança.
Sem marcas, sem môscas, sem moça no ar,
sem o próprio ar —
somos, enfim, de pureza mineral, desenho.

INFANT

Um poema tão aéreo
que declamado a estrondos não chegasse a te acordar
desta madorna madrugueira;
chispado a facas
nem eriçasse a pele de orvalho.
Pausa no mundo
porque descobres tua própria mão.
Concentração no achado.
Que importam
o leite e o sono
capazes de dourar três metros de atmosfera
ao redor de tua mãe?
Estás debulhando o céu em dedos
ou começando a perdê-lo sem saber.
No bêrço, o mistério examinado.
A mão. Como tu,
penugem de bentivi,
acidente nas rendas,
mas:
primeira pergunta
que papão não responde
fixando-te perdidamente.

New Orleans, jan., 69

O HOMEM DO GRAU

Em tudo sua medida
nem miligrama perdida
e na risca do cabelo
no segmento da reta
a ciência inviolada
o duplamente infinito
raiz quadrada nos dentes
como faca de pirata
o instrumento preciso
o pianista decibel
a equação a escala
o sistema decimal
o vetor o teorema

Descoberta a descoberta

travou-se

travou-se

A	tra	vai	como	na	vem
A	cou	vem	como	pro	vai
A	di	vai	como	nu	vem
A	a	vem	como	tro	vai
A	par	vai	como	a	vem
A	ne	vem	como	al	vai
A	cal	vai	como	ver	vem
A	cha	vem	como	tra	vai

O CONTO DO REI

Municipal Auditorium.
De primeiro, nenhum ruído.
Rex, the King,
na tôda pompa
sòzinho no centro das luzes apagadas.
Ninguém sabe, veio para estar, visita os ecos
abstrato deglute o teatro
ficam de fora os bigodes, trigodes, godes.
O rato no papel rói as memórias
arisco fuge do estalo.
Efeito fácil: há um halo
de silêncio. Desconfiado, volta e rói o manto
desprende a safira dura
raspa o dente no brocado,
áspera a sua condição de viver.
Para o rato o retrato do Rei
seria melhor prato,
mesmo a cola do cenário.
Teve a lembrança, escapa
e larga no fino da fuga
tôda a herança da vida.
Fora, é Mardi Gras que não se ouve.
O Rei inscreve a safira.
Invisível, que faz o rato?
O momento se momenteia, teia, teia.
Cai uma tábua como três: o rato está esmagado.
Danny se levanta e sai.

New Orleans, 69

A cabeça quer penetrar no mármore
em busca de mais frieza,
como se não fôra mais certo
o mármore penetrar.
Cérebro e mármore não se compreendem
mas parecem por misteriosa deliberação
de quem pensara o pensamento imutável
como eterno
mas não eterna a necessidade
de esfregar a cabeça no mármore
como refrigerio.

Recife, 1970

Dou-te por Joel,
aprendes teu nome,
respondes quem és:
Joel

É nada, que nome
é silvo, assobio.
Mas dizes que és
Joel

Liame entre nós
quando balbucias
o nome dos dois:
Joel

Vento de chamar
sopra por nós dois,
eu agora, aguarda,
Joel

Eu fico, tu vais,
um dia dirão
só teu nome, adeus,
Joel

Sabes, saberei,
que falam de ti
mas eu — como eco —
Joel!

Dei-te por Joel,
já me fui, adeus,
dei-me e se acabou.
Joel.

Recife, agosto 1970

Minha terra? Sim, conheço,
 perdi-me de tudo o mais.
 Tem ossatura de gás,
 é uma terra do ar
 que percebo estar ali
 impalpável. Só a pele
 testemunha seu afago.
 Terra que sendo, não é,
 pouca coisa, não se mede.
 Não sendo agora e aqui
 pode ao mesmo tempo ser
 porque foi lá e amanhã
 como ontem sucederá.
 Minha terra? eu te ofereço.
 Se muito, cabe entre os lábios
 no sôpro de um *lullaby*;
 se pouco, pobre de ti,
 ninguém tem mais para dar.

Vá inscrevendo os amigos
 a passagem por cidades
 se disser que foi um môrro
 de Quito, visto uma vez,
 não minto, como também
 percebi estar no coche
 daquela mulher de Lima
 amante da vice-real
 Pessoa, tão cristiana.
 Talvez houvesse uma rua,
 nela canários, relógios,
 de seu Maia, seu Candinho.
 Nada era meu, só agora.

Se quiser, venha sem nada.
 Um abrigo,
 pois faz frio,
 e um fruto para mim.

Estarei à espera
 com um traje de tecido grosso
 e as mãos vazias.
 A terra é de outros.

Dividiremos o fruto
 e a falta de terra.
 De mãos dadas
 cantaremos uma ciranda

para os negros
 e estudantes da Praça.
 A certa hora
 quem está desperto nos ama.

Se quiser,
 beberemos água da chuva.
 Provavelmente seremos presos,
 mas venha.

New York, outubro

A PASSAGEM

Deram salvados na minha costa.
Ossos em marfim? tábuas em mármore?
musgos esmeraldos?
— tudo em eterno,
correspondência do mineral
que bebi e me teceu.

Mas mas mas mas
 êrro supor em ossos
 o que marfim se revelou
 na pelúcia do entre-sendo-se.
 A passagem, a passagem
 — chamemos flor
 por mais que grão opaco dissimule o que será
 perfume —
 um ar que ressuscita,
 o dizer em côr do nem parido
 mas possível.
 Flor é luz, flôres os preciosos
 marfinizados e já salvos,
 não salvados, uma flor dos mares
 uma só
 multiplicada, tão poderosa
 que cristã de milagres.

BRINCADEIRA PALACIANA AO MODO ANTIGO

a Jordão Emerenciano

Um dia perdi meus olhos
ao pô-los em vós, Senhora.

Não pensava que agora
quisesse tê-los comigo
correndo o mesmo perigo
de olhar-vos outra vez.
Confesso que os recebera
para gastar os meus anos
a repetir os enganos
do fingimento de agora.

Pois só desejo cobrá-los
para perdê-los, Senhora.

New York, 1968

Foram sons antigos, vagos como os sons.
Que hoje absorvam o todo,
voltem anoitados de perfumes,
cravantes incompreensões.
Que sim, velem nisso.
Os mundos e outros fluíram do teclado.
Leis de especial cavalaria
prescrutavam a penumbra
onde os dedos faiscavam.
As profecias rebatiam nos graves
estando o entendimento nos agudos.
Pureza foi tua bandeira desvairada
quando os olhos sufocados estalavam
de inapercebida relutância.
A tessitura da vida mói os sons do "Clair de Lune"
desde sempre. Desgarrado:
— coração, com que direito?

a José Guimarães Sobrinho

Tudo pasmou na regularidade
da luz que se acendia e se apagava
no mais alto das flechas disputantes
por esguias, silhuéticas, solenes.

Dos verdes, amarelos e vermelhos
os piscados nervosos palpitarão
na água amortecida pelo frio
onde pingos pousavam como pólen.

Voaram espirais de pensamentos
desconexos além dos sete mares,
sob ventos já soprados e futuros.

Talvez o corpo, então se levitasse
ao receber o golpe do silêncio
— o pânico — ou talvez não fôsse nada.

a Admir Domingues da Silva

Na madrugada aflita de silêncios,
de névoa que cobria os arcabouços,
vi meus olhos no pântano aéreo
de Manhattan, presépio Reformado.

Em vão chamei por êles, que perdidos
balião como sinos, mansuetos,
cordeiros tontos de um pastor inábil,
em alturas avaras de caçada.

Mas sendo a névoa espessa como lã,
em breve os recebi, espavoridos,
chegados, sem sentir, ao meu curral.

Fechou-se o escuro em nós; imaginei
um conto russo, penso, mas o espelho
rumina dois cordeiros degolados.

a Hermilo Borba Filho

Dizer com palavras, como todos,
o que seja o barro que a mão recolheu
para construir, molhada,
a casa seca de acôlha.

Falar do simples, inventando
a coisa sabível, no compasso.

Que a dôr agalopada
no martelo retina
o centro da cicatriz:
venham programas.

Pare a noite em seu momento,
a lua caia esfarelada em gelo
e o som conflua.
Agora mesmo eu canto a casa,
movimento vivo.

NOTURNOS DE BROOKLYN HEIGHTS Nº 4

"Uma coisa sei de mim: que queria antes o bem do mal, que o mal do bem; porque muito mais se sente o porvir do que o passado; e a morte, até matar, mata".

— de uma carta de Camões.

Renego de ouvir notícia antiga
daquilo que se possa ter por breve.
Poluída me vem de espaço e pêso
como raio ou bala. O próprio leve

pensamento, que modelando o breve
se compara a si mesmo em rapidez,
imaginado meio da metade
nem assim colhe exata a fluidez

desta morte, que sendo ora presença
sempre esteve aqui mesmo, impresentida,
apenas existiu e é já descrença.

Entre as duas, o nada com seu quando
— pois no dizer do Máximo Caôlho
a morte, até matar, vai nos matando.

New York, maio 68

DE JOE, O NEGRO

"We're not afraid" (verso de uma canção conhecida)

Quatro da tarde, em Atlanta.
A negra cabeceou como
narcotizada.
Daí perfumes ciciaram a primavera.
Ouvu-se:
gemido? arfagem? cantar?
Pelos gramados, milhares.
Um orava?

(A carroça e os senadores
o crime e o sonhadores
a negra e tantos pastôres
muitos escravos tantos senhores
e rasgou-se a noite de horror
em Kansas City, Chicago, Baltimore.)

Danados, bradem, rompam-se
— eu com vocês.
É preciso estertorar para dizer
o pronto.
Danado também, não grito igual;
mas diferente que seja,
somos. Também vivo negro, mexicano, portoriquenho.
No incêndio só meus olhos,
não no problema.

Agarrar nos dentes o maior.
Assim pequeno, sem solução.
A voz cristã? Nos profundos da terra da Georgia.
É o que se vê. Mataram
Luther King.
Um tambor em Atlanta,
antigo bêrço meu de amor.
Mataram Martin.

CONCÊRTO DIALOGAL

1. *Allegro*

A roupa tem saudades do corpo que abrigava.
Infla-se da manhã, fareja o sol,
dispersando respingos de lavado.
Revolve-se como gritos
na inutilidade vazia da brancura de osso
a que chegou, sem as manchas da vida.
O vento não basta para encher a roupa
e pode enchê-la, de provisória piedade.
O bôlso entumece em busca da carteira
porém mais infeliz é o porta-seio,
vacilante com um bêbado,
enquanto a louca anágua
quase a romper-se do varal, estala rendas
nas castanholas-sinuosidades.
Há um frêmito de paixão peculiar
a cada tecido e côr,
um grasnido para os céus
que distingue o lenço do avental: hierarquia.
Mas em vão, que tudo ama
por mais que a sêda fútil
e o concentrado brim de algodão
arquejem prioridades especiais.
De todos os reinos da natureza
foram feitos para abrigar.
Nisto a hierarquia se dispersa
(em nome do amor)
tanto quanto o nylon quer a pele
e os seios se completam
com as covas do produto industrial,
gêmeos e gêmeas de noivado campestre.
Precipita-se o destino de unidade
em nome do amor:

a roupa quer o corpo e assim cumprir-se,
pois em sua contextura têxtil prevalece
a atração do suor de cada dia.

A seu tempo será.

Quando as cadeias de sol e vento se rebentem,
elas esplendirão colhidas aos montes
e alisadas nas glórias de gomas, anís e benjoins
amaciando a maciez das môngas
numa sofreguidão mútua
de vitórias avessos e direitos
confundidos botões partindo-se
nas casas rompendo o corpo
para encher a roupa numa batalha
de ajudas ansiosas de acertos
e erros cavalgados rolos vendavais
pelas cabeças com dilaceramentos imprevistos
— até o fêcho do zip nas espáduas,
amém
do ritual
da vestidura.
E a roupa cheia nos leva
e nós a ela,
todos, por fim, a encher o mundo
com o amor que acenava no varal.

2. *Lento*

Que seja esta a relação com as coisas.
Passei-me do humano.
Sou-me. Fixo o vago: sim.
Penso-me. Coloco-me: pedra.
Nada estalactite construída
com a nobreza do murmúrio
nos séculos, grutas, úteros secretos
sombreados de umidades.
Vejo-me bloco limado ao sol,
prêsa de uma praça milenária
no centro do esquecimento,

percebido por pássaros fiéis
 que depositam sobre meus cabelos
 o óbulo morno do estêrco,
 de queda silenciosa, minha touca
 — único entendimento com os vivos —
 meu decôro antigo resvalando
 sobre a roupa rigidez.
 Assim fui perdendo lascas de mim
 em desconsoladíssimas horas.
 Cada vibro do carrilhão me desfazia em pó
 criando infiltração de escamas
 que a chuva descascava à meia-noite
 farfalhando chispas.
 Fiquei constituído mais de perdas que de mim,
 sabendo sem contemplar,
 com olhos de fuzilado
 a grelar o ex-mundo,
 endurecidos.
 Mastiguei pedras no Texas
 e refiz minha base interior.
 Nem mais estátua nem forma
 de lembrança do ser-homem:
 só uma massa de horror.

3... *Allegro moderato*

Uma estátua... mas que é uma estátua?
 Aparência de aparência.
 Uma alvorada vai arrancá-la do chão que lhe é
 estranho
 e a ardência petrificada
 reverterá às origens permanentes:
 alvorada humana,
 clarim de redenção geral.
 A fôrça vem de dentro, determinação
 de gesto e pensamento
 — sendo vida a direção
 e arranco o substrato —

pois vida é soma
 no indecifrável um da criação do amor.
 E todos um, saibam ser pedra
 imemorial catapultada
 sobre as grenhas inimigas,
 e logo bala e foguete, raio e luz
 abrindo estrias de libertação.
 Êste, o fim consequente da origem
 — reencontro da estátua com o esperma,
 negação da pedra pela arte.
 Seja homem, anjo, cavalo,
 a estátua nasceu do homem e com êle se perfaz
 de grandeza e limitações verificáveis,
 quicá reduzíveis a palavra.
 Mas quem fará a estátua da palavra?
 E quem jamais dirá
 o que da pedra seja o só-sòmente idéia?
 Nada é frio. Descubra-se na pedra
 o quê da expressão definitiva,
 mais espiritual que as noções
 de movimento e volume.
 Atritem-se as moléculas no ar
 e seja a mesma pedra um som,
 e êste fale de nós,
 vibração de pedra,
 fôgo, bronze, fôgo, ferro, fôgo,
 crépito crepitável e acima crepitante
 a serviço do homem.

4. *Cadenza elegiaca*

“Quem me percebe aqui? Quem em lugar algum jamais lerá estas palavras escritas? Signos em campo branco. Em algum lugar a alguém na tua voz mais maviosa”. No fim da 1ª parte do ULISSSES, de Joyce.

A alguém, num certo lugar e no tempo que sei,
 dedico signos em campo branco,

formas de minha forma incorporável.
O tema se enovela de si mesmo
com variações de bôlhas de espuma
que, se reparas, nunca são as mesmas
por seus diversos ares e águas.
Mas dizem dos ventos que se bebem
e das águas que se evolum
sendo nuvens de regatos
e tempestades vagidas no salpico
da onda banhante de manhã dominical.
Assim, renovados e transeuntes vão meus signos
dirigidos eu sei a quem, e onde, e quando
— se necessariamente devem de sê-lo.

5. *Allegro maestoso*

Variações do tema que tu és.
Fragmentos de uma era prolongada,
como de uma cosmologia sem medidas
começada no pátio do colégio,
onde a História da Civilização
sub-repticiamente era apeada do seu trono imperial
pela infanta História da Imaginação.
Os fatos. São êstes e não aquêles:
há os homens temporais
com um já de fome que salteia
tuas histórias e cosmologias
para comê-las como pão
se não espatifá-las contra cabeças
em nome do amor.
Há filhos pelas estradas,
velhos no portão da mina,
esperas inúteis, inválidos,
doentes que te penetram,
uma brutal contenção de âncias,
tôda uma civilização apodrecendo,

há jovens se desolando
por falta de Santas Missões:
(ide e pregai a todos os povos)
em nome do amor.
Se há que odiar, seja passageira estação.
Rasgando, matando, delinquindo,
faça-se tudo de vez e para sempre
ainda, obfirmado
em nome do amor.
(Suave espiga de milho,
quisera beijar-te a testa
agora, filho, meu filho.)
Justificam-se existências
de absurdas consistências,
cínicas imitações de Vinicius
e Rola-Môças de fundos precipícios,
tangos como sonatas
em nome do amor.
Já São Francisco entendia
a água, o lobo e o dia,
sêres e coisas componentes
de um Coral de Deus que êle ouvia
em nome do amor.
(Vem comigo, Incendiada,
como em certa madrugada
disseste “que importa?”
em nome do amor.)
Diz tu, diga êle, dizei vós,
bate, rebate, em nome, em nome,
em nome do amor.
Finaliza teu concêrto
com a nota prolongada,
leve, que não seja nada
além da própria desnuda
supliciada
imaculada
palavra amor.

Desde que assim é, feito.
Agora, há critérios e excessões
— as minhas segundas, os primeiros.
Desenquadrado vou, sabendo que
— em direção ao portão da Faculdade.
Ali espero, vivendo trinta dias
(ou mais, ou menos)
enquanto os carros se dirigem dõcilmente
(observo)
levando vigilantes legalistas
na estrita mão direita.
Dirijo e faço poesia separados,
com estabelecimentos categóricos
que não admitem.
Há submissões impuras.
Agora espero, um ato puro.
É Irma, ato estrelar; nos completamos
violando as leis, no rumo sul.
Na hora do marcado, compelidos,
meto velocidade, é zona norte.
Momentos e momentos. Na verdade,
jôgo feito.
Para as transformações guardamos estrêlas.

Recife, agosto, 1967

Por não saber fazer versos felizes
hiperbolizo tua ausência
imaginando que te perdi: só assim.
Serei o quê?
Sepultemos o fui sido
em águas profundas:
galeão holandês velado em musgo,
submerso no pó
sem Relação nem tesouros.

Daí vens tu (meu Oceano Pacífico)
e me descobres e tornas a naufragar-me,
agora na delicadeza de lírio
dos teus olhos de água.
Mas, como te perdi, és o nada
e me afundaste em nada.
Total: é do nada que me vem esta música
sem som dos teus olhos imaginados,
a memória sem luz dos cabelos claros
e a matéria sem fim
de um sentimento cristalino.

New York, nov. 67

Existiu tamanha paz? Ou vivi onde viveram
sem os espectros?
Ou será da natureza humana
essa visão dos frutos maduros e êsses campos,
musicais não obstante o óbvio?
O êrro maior é considerar expoentes.
Não somos.
Tornemos ao pó dos bilhões
multiplicados por trilhões e lá estamos.
Não amo o trilhão por defassagem
mas sou inevitavelmente
o invisível em seu pôsto.
Já-o a metralha, conclusão
detonante de feridos, imperativa.
O pó reduz a produção de pó
com outra paz.
As árvores decapitadas contam
que há um campo, houve um campo,
mas a música ficou por cima
contando uma eternidade das muitas que nos criamos.

Licença para escandalizar-te. De fato,
há coisas que não se dizem morremsepor.
Presentemente, é proibido morrer,
portanto, licença.
Se cuspir na tua cara, licença.
Nos têrmos perfeitos da educação que aprendeste,
contesto.
Onde perder a cabeça encontrarei o coração.
Redigo que lhes dava minha bênção em latim
se tivesse o formulário à mão,
o antigo e mais ungido
pelos séculos passados,
num canto gregoriano que espalhasse nos ares
rasgos de frêvo e ribombos de atabaques
entre repiques e cortinas de báculos
como estandartes de "Vassourinhas" —
uma bênção recifense alvoroçada
pelos tiros das fortalezas mudas
e formidáveis soluços de poetas mortos.
Pediria cabeças baixas de penitentes espanhóis
(menos a tua) e bendiria.

Benditas sejam as putas do meu Recife
coroadas de salsugem na podridão,
terapeutas de solitários.

Quando libertas, haverá uma salva de violetas
e pétalas dispersas.

Por enquanto, emitem revérberos
que salvarão futuras desposadas
ao chegarem para as camas de seu moços.

As virgens são devedoras:

quantas salvas da faca e da violação

— por provocantes e fugidias —

sinalaram o caminho da zona

que salva do crime e induz a perdoar.

Benditas as putas, refúgios de pecadores,
solteiros, desquitados, viúvos, mal casados,
decentes, líricos, viciados.

Sejam louvadas no seu gueto à sombra da Madre
de Deus

aberto outrora pelo Arco da Conceição,
zona cristã, enluarda pelas saias levantadas,
de tanto riso que me leva a blasfemar
(entende, é tua linguagem)
não por elas inconscientes
nem por nós, seus consolados,
mas por ti que lêes um poema e não vês a vida,
entendes a imagem poética
e cegas para a imagem e semelhança...
— que asco.

APÊLO

Pois como compartilho,
teus sonhos imergem minha consciência
da vertigem dos abismos que viajei de mergulho,
lacerado de chibatas que não eram,
mas gritos, convocação de monstros
que me atacaram no ôco de câmaras sucessivas
recruzadas de hipopótamos alados,
que sob pena de esmagar-me a dentes
exigiam a resposta
que eu desconhecia, como a língua,
por mais que concebesse a ameaça.
Redivivo do sonho me concreto
no soluço, na implora, desvario
de limites lógicos, sou sem mim,
revivo outroras.
Mas sou eu — desamparado, quem procura,
quem se acolhe,
quem se espanta.

Pátria não aceito, deixem mátria
do íntimo perfluída, regida
por leis de amor.
Com o perdão da preferência
e inútil explicação,
acalente-se o meigo do som
como princípio.
Caso é, que pátria não.

Pelo sim, pelo não,
conservar em alto grau o amargor
para a glória.
Pelo sim, pelo não,
manter pedra onde o licor
dos outros conformam.
Pelo sim de sins,
pelo não de não's irredutíveis,
misteriar o sol
que um eclipse total
(visível do meu bairro)
ocultou.

RIO IPOJUCA

Água fiada pelo deus dos pedregulhos
colaborada de esgotos
novêlo de barbante
cumpridor de sua cruz:
ser pardo
cheirar bosta.

As lavadeiras espremem linho
que de milagre sai branco
— um capricho do rio.

Os meninos se banham, bebem
os cavalos se banham, bebem
todos mijam na alegria da manhã
e disto nascemos.

Estão crescendo os micróbios
do da Cunha, antes de tudo fortes,
O curtume apodrece a água de nossa pia batismal.

Crianças mergulham
tudo cresce como pecados
ao sol das chagas não delas, minhas.

O fino das vozes gritadas
abençoa a cidade inteira.

Um fino estalo (não se ouve)
parte minhas veias (É hora! — escondi-me: de mim?)
e ali morro sem ninguém saber,
de desmedido amor.